

Walter Rodrigues: contribuições do Colunão para o jornalismo crítico em São Luís do Maranhão ^{1 2}

ISSN 2175-694

José FERREIRA JUNIOR³

Doutor

Talita do Carmo FARIAS⁴

Graduanda

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA

Resumo: Busca-se analisar, por meio de pesquisa documental, a importância do Colunão, produzido e editado por Walter Rodrigues. Protagonista, de certa maneira, do jornalismo guiado por dados no Maranhão, sobretudo pela utilização informações captadas de fontes credíveis, às vezes, do próprio setor público, Rodrigues trabalhou nos principais jornais de São Luís: *O Imparcial*, *O Estado do Maranhão*, *Jornal Pequeno*. Tendo como *corpus* os exemplares impressos do Colunão do século XX e da primeira década do século XXI, é possível se verificar a luta de Walter Rodrigues pela liberdade de expressão. O ponto de vista para a análise é a história cultural da mídia. O Colunão era norteado pela defesa dos direitos fundamentais no exercício de plena cidadania. Conclui-se que há traços perenes no modo operacional de órgãos de imprensa com viés para um olhar fora dos sistemas convencionais de mídia: o caso do Colunão.

Palavras-chave: História da Mídia Impressa; Walter Rodrigues; Liberdade de expressão; Colunão.

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Esta pesquisa conta com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).

³ Jornalista, Mestre e Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). e-mail: jferr@uol.com.br

⁴ Discente do curso de Jornalismo (UFMA), cursando o 7º período. e-mail: talitadokarmo@hotmail.com. Bolsista PIBIC – CNPq.

Introdução

O Colunão do jornalista Walter Rodrigues, em suporte impresso, foi uma expressão jornalística de um profissional com larga experiência na construção do texto para a mídia, com característica crítica; e, embrionariamente, com agregação de características do jornalismo guiado por dados, prática comum atualmente, potencializada pela utilização das plataformas digitais. O Colunão, também foi uma experiência profissional de jornalismo com rara independência em terras maranhenses, no qual aproximou o leitor de temas como direitos humanos, cidadania e participação nas lutas democráticas.

O jornalista Walter Rodrigues nasceu em Belém – PA, em 16 de outubro de 1949, falecido em 18 de maio de 2010, em São Luís do Maranhão. Radicado na capital maranhense em meados da década de 1970, onde trabalhou em diversos jornais, como O Imparcial, O Estado do Maranhão, Jornal Pequeno. Foi correspondente dos jornais O Globo e O Estado de S. Paulo (SANTOS, 2010). Em 2008, o jornalista ganhou o “Prêmio José Augusto Mochel”, entregue pelo Comitê Municipal do Partido Comunista do Brasil (PC do B) em São Luís, o qual foi criado com o objetivo de homenagear militantes políticos, lideranças de esquerda e entidades da sociedade civil que tenham se dedicado à luta democrática, popular e socialista no Maranhão

Os exemplares disponibilizados para esta investigação datam dos últimos anos do século XX e da primeira década do século XXI, no entanto, esta pesquisa não pretende analisar de forma cronológica todas as temáticas abordadas em cada edição, mas, sim, alinhar algumas questões essenciais para o entendimento da história do Colunão.

Pretende-se lançar luz sobre a história do Colunão (uma espécie de tabloide variando do tamanho A3 ao A4), no sentido de destacar seu papel crítico; e, até mesmo, alertar para os possíveis limites dessa crítica num momento de inflexão do poder hegemônico há décadas, no panorama político maranhense, ao mesmo tempo em que lideranças emergentes começaram a ter visibilidade local e nacional, algo de certa forma capturado pelo viés da crítica analítica de Walter Rodrigues. Trata-se, portanto, de um exercício crítico do jornalismo.

A ancoragem teórica desta investigação tem como referência as abordagens da história cultural (GOMBRICH, 1994; BARBOSA, 2007; RICOEUR, 2007; CHARTIER, 2009), no sentido de a mesma reunir as demais histórias: política, econômica, demográfica etc. Com efeito, tem-se no horizonte o conceito de memória que não omite a existência do esquecimento, podendo-se falar até de uma “história cultural da memória e do esquecimento” (RICOEUR, 2007, p. 400).

A perspectiva que se abre é para uma leitura na qual se possa ampliar os horizontes do olhar, cuja compreensão asseveraram Marialva Barbosa e Ana Paula Goulart Ribeiro:

Fazer uma história que envolva os meios de comunicação não é apenas informar ou analisar o que esses meios publicavam; não é somente discorrer sobre as estratégias discursivas dessa imprensa; não é também se limitar a analisar os grandes nomes e os grandes feitos dos homens de imprensa. É dar conta de um processo comunicacional que envolve sempre o que foi produzido, quem produziu, por que produziu, para quem produziu. Como eram essas mensagens produzidas; como circulavam; que materialidade possuíam; que atores estavam envolvidos ao longo do processo. E, por último, a quem eram destinadas. (BARBOSA, RIBEIRO, 2011, p. 26).

A empreitada deste artigo não abarcará todos esses pressupostos elencados pelas autoras acima citadas. Todavia, há forte intenção de compreender a complexidade envolvida no tema em tela, descartando-se simplificações inoportunas na tessitura do conhecimento. Trata-se de ir ao encontro do que Edgar Morin afirma sobre o caráter multidimensional e inseparável da expressão cognitiva: “... o conhecimento não poderia se reduzir a uma única noção, como informação, ou percepção, ou discriminação, ou ideia, ou teoria; antes se deve conceber nele vários modos ou níveis, aos quais corresponde cada um destes termos” (MORIN, 1987, p. 15).

Entende-se, portanto, que experimentos profissionais, a exemplo da iniciativa de Walter Rodrigues, possuem um legado deixado por experiências anteriores como registra Bernardo Kucinski em sua obra *Jornalistas e revolucionários* (1991), na qual destaca o “modelo ético-político”, cuja conceituação advém de Ana Maria Nethol, no texto intitulado “Reflexiones Acerca de la Teoria y Accion Comunicativas de los Processos de Transición a la Democracia”, para uma explicação sobre o fenômeno alternativo na imprensa em razão do período de ditaduras pela América Latina nos anos 1970.

A propósito da trajetória profissional de Walter Rodrigues, há registros de sua passagem pela imprensa alternativa, nos anos 1970 ainda em Belém do Pará, antes de sua vinda para São Luís. Participou dos jornais Bandeira 3 e Resistência, ao lado de Lúcio Flávio Pinto, expoente da mídia alternativa em terras paraenses.

O Colunão, de certo modo, atualizou esse legado do “modelo ético-político”, incluindo até mesmo uma tentativa de migração para a mídia digital nos anos 2000.

O Colunão

Algo que se pode destacar, no embate com forças políticas locais, era o cuidado do jornalista de se pautar por fontes credíveis, incluindo-se aí o Diário Oficial, faceta que por si só já justifica revisitar o trabalho de jornalismo investigativo de Walter Rodrigues.

Vale pontuar que o Nordeste é a região do Brasil que concentra o maior número de desertos de notícias, ou seja, municípios onde não há jornalismo local, segundo a pesquisa do Atlas da Notícia, publicada em 2019. São 1.318 desertos, ou seja, 73,5% dos municípios nordestinos não tem nenhum meio de comunicação. Sendo assim, o Colunão contribuiu, em sua época, para a disseminação de informações sobre o estado do Maranhão em diversos aspectos, especialmente sobre assuntos que por muitas vezes eram silenciados para a população tanto da capital quanto do interior.

O protagonismo de Walter Rodrigues extrapolou as fronteiras locais. Há registros disso. O jornalista Lúcio Flávio Pinto, editor por muitos anos do Jornal Pessoal (Belém - PA), em matéria escrita ao site do Observatório de Imprensa (2010), alude, quando do falecimento do editor do Colunão, que o profissional deixou sua marca na história da imprensa brasileira.

No dia 18 de maio morreu, em São Luís, aos 61 anos, um dos maiores jornalistas paraenses. Tão grande – e tão raro – que sua competência transbordou da terra natal para o Estado vizinho. A vida de Walter Rodrigues se dividiu ao meio entre o Pará e o Maranhão. Atuou com a mesma competência de um lado e do outro da divisa, em torno da qual costumam ser cultivadas diferenças, desentendimentos e incompreensões mútuas.

Walter foi o paraense que mais bem se ajustou ao novo cenário, com o qual passou a ter tal intimidade que se tornou referência necessária. Ninguém

entenderá o Maranhão contemporâneo sem passar pelos seus textos. O Pará que passou ficou em algumas das matérias que Walter criou, quando pelo lado de cá gorjeava, com seu texto limpo, sua ironia fina e seu sarcasmo cortante, arrasador. Merecia um final mais à altura dos seus méritos e do que produziu, patrimônio que se valorizará na medida do tempo, pelo simples fato de não ter substituto. O lugar que Walter Rodrigues ocupou – e, de certa forma, criou para si – era único. Ficou vago.

Embora fossem de pura iconoclastia algumas das características da sua personalidade, Walter não foi um dado aleatório no jornalismo. Ele deixaria sua marca e faria o que fez em qualquer lugar e em qualquer época porque não lhe faltavam qualidades absolutamente pessoais e intransferíveis. Mas sua presença mais forte no jornalismo se explica por determinado contexto, que começou a se delinear em 1973, na redação de *O Estado de S. Paulo*. (LUCIO FLÁVIO, 2010).

Além disso, Lúcio Flávio pontua que uma das singularidades de Walter Rodrigues é que ele possuía uma compreensão dos processos políticos, visto que conhecia os poderosos da época pelo nome, por contato pessoal, por histórias íntimas etc.

Em outra edição do Observatório da Imprensa (2006), texto intitulado “Quando sai o jornalista, o jornal vira quitanda”, Lúcio Flávio relata sobre o fim da parceria, na distribuição do semanário, entre Walter Rodrigues e o Jornal Pequeno (diário da imprensa popular maranhense no qual a publicação em tela foi encartada por quase dez anos); e, posteriormente, a criação do blog Colunão.

Walter perdeu o privilegiado contato que tinha todos os domingos com os leitores do Jornal Pequeno, mas mantém sua produção acessível através de um blog. Já planeja voltar à forma pioneira, como a do Jornal Pessoal, realmente independente (embora pesadamente sacrificante), porque deixou muitos órfãos na leitura da imprensa convencional. Os muitos que, sem seu maná dominical, abandonaram o jornal que o serviam e estão à cata de novo contato com a verdade. (LUCIO FLÁVIO, 2006)

Ainda sobre o rompimento, o jornalista e blogueiro maranhense Ed Wilson Araújo (2005) analisou, no ambiente da blogosfera local, com título “Sem o Colunão, JP desequilibra” o rompimento com o Jornal Pequeno, motivado por divergências editoriais em razão de Walter Rodrigues seguir uma linha de independência e de denúncias.

Em 25 anos de jornalismo no Maranhão Walter Rodrigues acumulou méritos e também desafetos, fruto do trabalho de investigação que denunciou delegados torturadores, esquemas de corrupção, crime organizado, nepotismo no Judiciário e um rol de irregularidades no sarneísmo ou nos diversos espectros da oposição. Recentemente, enfrentou quase solitário uma posição

contrária aos interesses da Companhia Vale do Rio Doce na instalação do polo siderúrgico na ilha de São Luís e, por fim, criticou o projeto expansionista da Alumar em frontal desrespeito aos direitos trabalhistas (ED WILSON ARAÚJO, 2005).

Em 2006, por força da crise para a distribuição do jornal, Walter Rodrigues envia aos seus leitores, por correio eletrônico, um comunicado sobre o atraso da reestrea do Colunão, ainda no formato impresso, iniciativa severamente boicotada por agentes do poder local.

De: Walter Rodrigues
Para: Undisclosed-Recipient
Data: 22/04/2006 17:06
Assunto: NOTÍCIA DO COLUNÃO – URGENTE (Detalhes só na segunda ou depois)

NOTÍCIA DO COLUNÃO

22.4.2006

Prezados leitores e amigos

Está pronto o n.º 1 do Colunão nova fase, agora independente tanto na linha editorial quanto na circulação, já que deixa de ser encarte de outro jornal, como ocorria até novembro do ano passado, para arriscar-se em orgulhoso vôo solo.

Está pronto na redação, na edição e na diagramação das matérias, e deveria circular neste domingo. Infelizmente, isso não vai acontecer. Problemas com a gráfica, alheios à minha vontade e capacidade de agir.

Estou tomando as providências necessárias para imprimir o semanário nesta segunda-feira, de modo a oferecê-lo aos assinantes e demais leitores ainda na segunda à noite, o mais tardar na madrugada ou amanhecer de terça. Se for preciso, roda-se o Colunão em Fortaleza ou Terezina ou Belém. É apenas um obstáculo a mais.

Admito a frustração do atraso imprevisto, mas isso não me abate nem me agacha.

Grato pela atenção e pelo apoio.

Até breve,

Walter Rodrigues
Editor

Mesmo com dificuldades, até mesmo para circular, o Colunão tinha um fio condutor: o senso crítico. Com grande ênfase aos direitos humanos, às questões ecológicas, aos meandros da política nacional/local; e, sobretudo, à potencialidade do jornalismo investigativo, o Colunão abria espaços também para a reflexão acerca do papel da imprensa, ressaltando de modo claro a atuação do profissional da mídia. Embora não rotineiro, esse aspecto salta aos olhos em algumas edições do Colunão.

Análise crítica do papel da mídia a partir do *Jornal Pequeno*



Um jornal é um campo de batalha - Das intuições de Bogéa ao bem-vindo exagero de Millôr Fernandes,

No campo de batalha do *Jornal Pequeno*, como em qualquer jornal, até o dia em que definha e falece, as ideias e tendências nem sempre conscientes se ajustam ou se repelem um dia após o outro, e nem vitórias nem derrotas são definitivas.

Walter Rodrigues homenageou os 50 anos de *Jornal Pequeno*, sobremaneira a figura de seu fundador, o jornalista Ribamar Bogéa, que naquele ano, completou 70 anos de existência. O texto datado de 3 de junho de 2001 foi publicado na primeira página do Colunão, quando ainda vigorava parceria do jornalista com o diário da família Bogéa, proprietária do periódico. No artigo, ele reforça que a publicação resistiu durante cinco décadas, “com montanhas de erros e acertos”, mas sempre a favor da liberdade de imprensa e do direito de criticar e denunciar. Encerra a argumentação, parafraseando o humorista e escritor, Millôr Fernandes, ao dizer que “imprensa é oposição, o resto é armazém de secos e molhados” (uma alusão do jornalista carioca aos estabelecimentos comerciais precursores dos atuais supermercados), abordando mais uma vez a relevância do jornalismo enquanto órgão alinhado à apuração dos fatos e ao compromisso com a verdade factual.

Um paralelo com os dias atuais se faz necessário. De acordo com o Relatório da Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), registrou-se que o ano de 2020 foi o mais violento para os jornalistas

brasileiros, desde o início da série histórica dos registros dos ataques à liberdade de imprensa iniciada na década de 1990. Foram 428 casos de violência, 105,77% a mais que o já alarmante número de 208 ocorrências, registradas em 2019. Dos 428 casos, 152 (35,51%) foram de discursos que buscavam desqualificar a informação jornalística. Argumentações como: “a mídia mente o tempo todo”, “a mídia é uma fábrica de fake news”, “vocês são lixo” e “TV Funerária”, referindo-se a empresas jornalísticas e a jornalistas foram repetidas reiteradas vezes.

Portanto, é notório que a liberdade de imprensa, tão defendida por Walter Rodrigues, ainda é, hoje, um campo de batalha.

Outra faceta da estrutura argumentativa de Walter Rodrigues, é não ter um posicionamento subalterno quando se coloca a relação entre a mídia dos grandes centros urbanos do país e os órgãos de imprensa regionais, associado a um senso crítico afiado, exposto no mesmo espaço em que homenageou Bogéa e o seu JP, sobre a realidade do diário do qual era parceiro.

O Jornal Pequeno não é menos independente que a Folha [de S. Paulo] e nem há ninguém, que lhe faça o papel de ACM [Antônio Carlos Magalhães, então senador pela Bahia] ou Sarney, apesar de suas ostensivas simpatias por Fernando Henrique, Roberto Rocha, Jackson Lago, José Vieira, Manoel Ribeiro e mais dois ou três – sem querer igualá-los entre si ou com a dupla do diário dos Frias, que pelo menos alguns deles não merecem. Tampouco tem ombudsman. E que função haveria para o ombudsman num jornal que tem tantos donos quanto empregados fixos e registrados e nada que se pareça com um estatuto ou manual de redação, de modo que às vezes ninguém tem certeza do certo ou se o erro está errado mesmo?

Essa lucidez e esse discernimento foram decisivos para o rompimento da parceria, alguns anos depois desse texto ter sido publicado, reafirmando-se a trajetória de continuidade e de descontinuidade que marcam a vida de veículos alternativos de imprensa.

Considerações Finais

Diante do exposto, esta pesquisa reafirma a importância do jornalismo impresso autoral, pelo menos até o início deste século. As interpretações e opiniões singulares do trabalho jornalístico de Walter Rodrigues, por meio do Colunão, perenizam o “modelo ético-político” da imprensa alternativa latino-americana. Ao analisar a trajetória do jornalista Walter Rodrigues, fica evidente a credibilidade que ele possuía junto à população maranhense, posto que após sua saída do *Jornal Pequeno*, ocorreu uma migração dos leitores para o um blog articulado com parceiros e colegas de profissão. A iniciativa de Rodrigues, em uma época na qual os governantes constroem monopólios nos meios de comunicação, comprova a relevância do temário do qual se reportava o Colunão, subsidiando debates, na atualidade, acerca de momentos históricos do Maranhão.

Referências

- ARAÚJO, Ed. Wilson. **Ainda o desencarte do Colunão**. 2005. Disponível em: <https://zemaribeiro.wordpress.com/2005/11/17/ainda-o-desencarte-do-colunao/> Acesso em: 9 jun. 2021.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil – 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Comunicação e história: partilhas teóricas**. Florianópolis: Insular, 2011.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- FENAJ. **Relatórios de violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil**. 2020. Disponível: <https://fenaj.org.br/relatorios-de-violencia-contra-jornalistas-e-liberdade-de-imprensa-no-brasil/>. Acesso em: 16 jun. 2021.
- FLÁVIO, Lúcio. **Quando sai o jornalista, o jornal vira quitanda**. 2006. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/quando-sai-o-jornalista-o-jornal-vira-quitanda/> Acesso em: 9 jun. 2021.
- FLÁVIO, Lúcio. **Jornalista de dois mundos desavindos**. 2010. Disponível: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/jornalista-de-dois-mundos-desavindos/> Acesso em: 9 jun. 2021.
- GOMBRICH, E. H. **Por uma história cultural**. Trad. Maria Carvalho. Lisboa: Gradiva, 1994.
- KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Scritta, 1991.

MORIN, Edgar. **O método III: o conhecimento do conhecimento**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1987.

RIBEIRO, Zema. **O Colunão reestreia hoje, no mais tardar na terça-feira**. 2006. Disponível: <https://zemaribeiro.wordpress.com/2006/04/24/o-colunao-reestreia-hoje-no-mais-tardar-terca-feira/>. Acesso em: 16 jun. 2021.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

SANTOS, Manoel. “**Colunão do WR**” foi veiculado durante muitos anos no Jornal Pequeno. 2010. Disponível em: <http://jornalpequeno.blog.br/manoelsantos/2010/05/20/colunao-do-wr-foi-veiculado-durante-muitos/>. Acesso em 27 fev. 2019.